

Arco Literário

ESCREVA VOCÊ A SUA HISTÓRIA

Organização

Flávio Amorim da Rocha
Júlia Cristina Valero Souza
Andréia Dias de Souza
Jaqueline Alonso Braga de Oliveira
Lia Nara Balta Quinta
André Luiz Arguello Alves
Anthony Franklin Prates Carvalho
Karen Eduarda da Silva Oliveira
Danillo Henrique Ibrahim Fontoura Tavares
Letícia Cristovão Lopes
Pedro Henrique Assunção Ferreira

Apoio:

**Fundect**

Fundação de Amparo ao Desenvolvimento de Pesquisa
Científica e Tecnológica do Estado de Mato Grosso do Sul



INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso do Sul

editora **ECO**
Didática

Arco Literário

ESCREVA VOCÊ A SUA HISTÓRIA

Organização:

Flávio Amorim da Rocha

Júlia Cristina Valero Souza

Andréia Dias de Souza

Jaqueline Alonso Braga de Oliveira

Lia Nara Balta Quinta

André Luiz Arguello Alves

Anthony Franklin Prates Carvalho

Karen Eduarda da Silva Oliveira

Danillo Henrique Ibrahim Fontoura Tavares

Letícia Cristovão Lopes

Pedro Henrique Assunção Ferreira

Campo Grande/MS
2024

Apoio:



Copyright © 2024 dos autores e da Editora Ecodidática

Os direitos de edição e publicação foram cedidos à Editora Ecodidática
Esta obra está licenciada por uma Licença Creative Commons: Atribuição-
NãoComercial-Sem Derivações 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND). Disponível em: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Editor-Chefe: Gleidson Melo

Assistente Editorial: Marta Regina da Silva-Melo

Edição e diagramação: Gleidson Melo e Marta Regina da Silva-Melo

Capa: background dos ilustradores

Revisão dos textos: Prof. Dr. Flávio Amorim da Rocha.

Ilustrações: Josué Inácio de Souza Oliveira, Danilo Henrique Ibrahim Fontoura Tavares, Ana Clara Rodrigues Alves Pereira, Ana Vitória Farias Vicente e Lucas Eduardo Fernandes da Silva.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Arco literário [livro eletrônico] : escreva você a sua história. -- 1. ed. --
Campo Grande, MS : Editora Ecodidática, 2024.
PDF

Várias autores.
ISBN 978-65-85640-10-7

1. Contos brasileiros - Coletâneas.

24-245375

CDD-B869.308

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Antologia : Literatura brasileira B869.308
Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

DOI: 10.56713/editoraecodidatica/85640107

Editora Ecodidática: <https://editoraecodidatica.com.br>

E-mail: contato@editoraecodidatica.com.br

WhatsApp: +55 67 3211-2328

Instagram: <https://www.instagram.com/editoraecodidatica.com.br>



A escrevivência não é a escrita de si,
porque esta se esgota no próprio sujeito.
Ela carrega a vivência da coletividade.

Conceição Evaristo

SUMÁRIO

- 6** **PREFÁCIO**
- 8** **APRESENTAÇÃO**
- 10** **CARTA ABERTA**
Maria Barcelos
- 13** **BENEDITA**
Júlia Valero
- 21** **INTERDITO**
Júlia Valero
- 29** **CORTINA VERMELHA**
Karen Oliveira
- 38** **KAUANE**
Anthony Carvalho
- 43** **DESABROCHAR DA FLOR DE PAINEIRA**
Ariel Escobar
- 48** **QUANDO O GALO NÃO PARA DE CANTAR ÀS 5H DA MANHÃ**
Ariel Escobar
- 53** **COTIDIANO**
Danillo Ibrahim
- 58** **AQUELA CAMA**
Anthony Carvalho
- 62** **SORRISO DENTRO DA BOCA**
Flávio Amorim
- 67** **PARA ONDE VAMOS, RITA?**
Karen Oliveira
- 72** **CAMOMILA**
Matheus Araujo
- 75** **LAR**
Alex Alves
- 78** **ORGANIZAÇÃO**
- 80** **ILUSTRADORES**
- 81** **AGRADECIMENTOS**

PREFÁCIO

A literatura sempre foi um terreno fértil para o questionamento e a exploração de temas que atravessam as fronteiras da sociedade e transgridem normas estabelecidas. Grandes nomes da escrita nacional e internacional se debruçaram sobre a diversidade sexual e de gênero, bem como sobre questões que envolvem demais identidades marginalizadas, trazendo à tona, por meio de suas narrativas, as tensões e dilemas de quem, por sua própria existência, se vê fora do que é considerado “normal”.

Embora a literatura ofereça um grande leque de possibilidades, desde o escapismo até o ativismo, ela nem sempre foi assim. Por muito tempo, diversos temas não poderiam ser tratados, e muitos autores, em especial grupos racializados ou mulheres, nem ao menos podiam publicar seus escritos. O importante é que o questionamento das normas sempre existiu, e para nossa sorte, a literatura sempre se mostrou como uma aliada nesse quesito. Verificamos isso em escritos de Natália Borges Polesso, Cidinha da Silva, Caio Fernando Abreu e Maria Firmino dos Reis – para citar autores clássicos e contemporâneos nacionais –, bem como de Virginia Woolf, Oscar Wilde e E. M. Forster, no âmbito internacional.

A dificuldade, então, é como desenvolver a temática da existência marginalizada, seja ela por conta da identidade de gênero, etnia e/ou orientação sexual, em numa coleção de contos, considerando que estes são caracterizados por uma narrativa curta em espaço limitado e com conflitos específicos. É possível, como demonstram os autores presentes neste

livro de contos, resultado da oficina de escrita do projeto de pesquisa do Arco Literário, do IFMS *campus* Campo Grande.

Esta antologia segue a tradição muito bem representada pelos nomes supracitados, trazendo histórias que tocam o coração e desafiam as convenções. Cada conto é uma abertura para um universo íntimo e complexo dos personagens, que buscam, muitas vezes, o entendimento de si mesmos e dos outros, ao mesmo tempo em que desafiam os limites do que a sociedade espera ou impõe – trazendo, por vezes, a reação violenta desta. A partir destas páginas, é possível que cada leitor se reconheça, seja no amor, no medo, na dor, no desejo, na luta por autenticidade ou por sobrevivência. Aos leitores, esta antologia representa uma oportunidade de explorar as possibilidades de existência, com todas as nuances e dificuldades que isso pode envolver. Ao mesmo tempo, ela nos lembra que a literatura, sempre plural, tem o poder de criar pontes entre diferentes experiências e de nos aproximar, por meio das palavras, de um futuro mais inclusivo e empático.

Que, ao ler estas páginas, vocês, leitoras e leitores, se sintam inspirados a olhar para si mesmos e para os outros com mais compreensão, reconhecendo a diversidade de vivências, prazeres, desprazeres e amores possíveis. Que as palavras, a arte e a literatura continuem a ser ferramentas poderosas para a expressão pessoal e para a transformação do mundo em um lugar mais justo e acolhedor para todos. Desejo que esses contos inspirem reflexões, diálogos e, acima de tudo, que eles abram espaço para um entendimento mais profundo sobre a importância da diversidade e do respeito às identidades de cada ser humano.

Boa leitura!

Júlia Valero

APRESENTAÇÃO

O Projeto Entreleituras – Arco Literário completa dois anos em 2024 e há muito o que ser celebrado!

A escola, enquanto ambiente responsável pela formação integral do sujeito, tem diante de si inúmeros desafios quando se pensa em uma sociedade que perpetua discursos de ódio contra sujeitos minoritarizados na tentativa de manter um padrão de normalidade inventado a partir de regras definidas por aqueles que detêm o poder – esses sim, uma minoria no Brasil.

Cabe ressaltar que essas regras definidas para um jogo exclusivo não permitiram, durante séculos, a participação de muitos de nós, relegados às arquibancadas, a uma condição de expectadores. E com lugares muito distantes do evento, de onde era possível observar muito pouco.

O cenário está longe do ideal, mas conseguimos, com luta, com o trabalho dos que nos antecedem, chegar um pouco mais próximos para tentar ocupar espaços de maior visibilidade. O Arco Literário surge nesse movimento. Surge do incômodo da invisibilidade, do apagamento e do silêncio que tentam impor a vozes marginalizadas.

Falar de representatividades LGBTQIAPN+, negra e indígena na literatura tem sido complicado. Ouvimos pesadas críticas e elas ainda ecoam, incorporadas ao nosso discurso que hoje, mais que nunca, é de defesa de território. Com elas aprendemos a importância de resistir. Resistir para existir.

Em dois anos, trabalhamos narrativas de autores contemporâneos, fizemos rodas de discussão sobre as temáticas abordadas, pensando as vidas desses sujeitos, levamos o nome da nossa instituição a eventos científicos e, além disso, criamos, escrevemos, buscando desenvolver histórias que amplifiquem as vozes que temos o prazer de representar.

O resultado deste trabalho que o leitor tem agora em mãos é fruto de um percurso árduo, mas que nos apresenta cenários de beleza inigualável, diálogos e encontros significativos com outros e conosco mesmos. É por meio da diferença que descobrimos quem somos. Ver o outro, aproximar-se do que ainda é desconhecido, entender, ter empatia. A diversidade inaugura um olhar amplo diante da experiência de existir neste mundo.

Os contos aqui apresentados resultam de um ciclo de oficinas de criação literária ministrado por mim. Agradeço imensamente aos participantes pela coragem de se aventurar, de usar a voz e o espaço que lhes é oferecido para a expressão de sentimentos por meio do poder mágico das palavras e da literatura.

Parabéns, Maria Clara, Júlia, Karen, Ariel, Anthony, Danillo, Matheus e Alex!

Flávio Rocha

CARTA ABERTA



Maria Barcelos



Ilustração de Lucas da Silva

Eu poderia falar da falta que ela faz, mas prefiro falar de seu cheiro de flor de tangerina. De seus cabelos ondulados que facilmente se enrolariam nos meus, que são escorridos. Ela me chama de “meu bem”. Eu sou o bem dela. Aquele que é contrário ao mal com L. E seu olhar, reluzente como o de quem se impressiona indo ao mercado pela primeira vez. Como o de quem nunca cometeu um pecado sequer. Como se todas as vezes fossem a primeira, se isso é possível.

Para ela é.

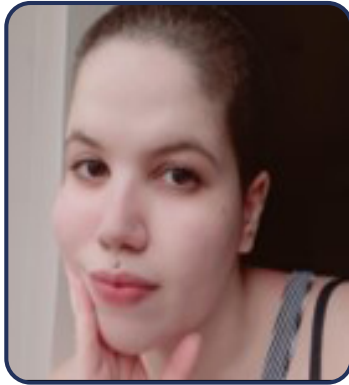
Prefiro falar de sua pele macia como o veludo que acaba

de ser feito, de suas mãos tão delicadas, sempre trabalhando. De sua habilidade incomparável de dirigir na estrada de lua eterna. De fazer meu corpo de veículo. Deus que me perdoe.

O anoitecer é único e poderoso, mexe com a gente. Mexe comigo, mexe com ela. E então, em luar, nos banhamos, de bar em bar, de boteco em boteco. Cê quer subir? Eu quero. Me vejo no espelho desarrumada e isso nunca importou tão pouco. Quer beber algo? Vinho? Tenho. Importava o ar que transitava pelo nariz e boca, boca e nariz. O calor que fazia. O ar transitava nariz-boca-boca-nariz e chegava no lábio. E o gosto. Campo largo tinto seco, eu nunca te gostei tanto.

Importava o samba que se ouviria até mais tarde. A sombra que a lua fazia na minha cama. As silhuetas. A cama bagunçada. Tecido no chão. Não pisa! Não piso. O ar que transitava. A pele que arrepia. O pulmão que se enche e expira em lá maior. Era isso que importava. Ela importava. Não que ela vá ver meus escritos, mas se, por acaso, os ler, eu suplico para que venha me ver. De novo.

BENEDITA



Júlia Valero



Ilustração de Josué Silveira

Tinha alguma coisa errada com as vacas. Há três dias, elas só produziam leite escasso, manchado de sangue. Inutilizável. Na segunda-feira, uma vaca, que antes não estava prenha, deitou-se com dor, já em trabalho de parto. Impossível. Todas as vacas ali eram fêmeas.

O bezerro nasceu morto. Com a pele revirada. Duas cabeças.

Irmã Paulina cobriu a boca com as mãos enrugadas pela idade, rezando baixinho. Elas tinham que decidir quem cavaria o buraco para...

Três batidas ocas, a distância.

Uma delas abriu a pesada porta com uma careta confusa. Do lado de fora, com um vestido branco de linho semi-transparente, pés descalços sobre a grama morta e de pele arrepiada pelo vento frio da tarde, uma mulher de longos cabelos escuros sorria.

– Gostaria de ovos? – perguntou alegremente. – Minha galinha produziu mais do que eu consigo usar.

Irmã Cecília espiou para fora dos muros, procurando, no horizonte, alguma indicação em que dissesse de onde tinha vindo aquela mulher. Nunca, nos dez anos que ela seguia suas ordens monásticas naquela ilha, ela e suas irmãs tinham tido visitas. Era de propósito. O lugar tinha sido um lazareto. As pessoas iam ali para morrer. De certa forma, as irmãs também, ao se fecharem dentro dos muros do antigo monastério de nome Santa Faustina.

A mulher ergueu uma sobrancelha, então Cecília chegou para o lado, dando abertura para que a estranha entrasse no jardim mantido pelas outras monjas. A mulher de cabelos escuros somente balançou a cabeça.

– Não entro em igrejas.

E largou uma cestinha de ovos no chão, virando-se e partindo sabe-se lá para onde.

Ela apareceu de novo quatro dias depois, enrolada em uma toalha e claramente banhada pela água do mar. Cecília desviou os olhos, focando sua atenção na trilha que levava para o jardim de hortaliças. A mulher tinha nos dedos um brilho prateado que provavelmente vinha de um anel, e o sal marinho pouco fazia para disfarçar o cheiro metálico que vi-

nha de sua pele. Um cheiro parecido com o sangue que saía das vacas, enchendo os baldes de líquido vermelho com apenas algumas gotas de leite.

Estava na ilha há uma semana, morando sozinha em numa cabana do outro lado, que tinha pertencido a um pescador. Se chamava Lúcia. Decidiu se mudar para a ilha exatamente porque suas únicas vizinhas seriam monjas. Queria afastar-se da vida corrida das cidades por um tempo. É bem fácil, ela dizia, quando não se tem família.

– Sente falta da sua família? – perguntou depois de um momento de silêncio.

– Agradeço por estar longe deles – disse Cecília, mantendo os olhos nas batatas que colhia.

– Eles não aprovam sua religião?

– Pelo contrário, eles são muito religiosos. – Ela se levanta. – Eles só não me aprovam.

Havia alguma coisa inquietante em Lúcia. Ela só aparecia quando Cecília estava do lado de fora, fazendo jardinagem, alimentando os pássaros ou até mesmo passando na frente da porta, do lado de dentro. Com exceção daquelas três batidas dias antes, nenhuma das outras irmãs tinha ouvido mais nada, e nem sequer visto a nova inquilina da ilha.

Cecília sentia seu cheiro metálico várias vezes por dia, mesmo em sua ausência. A cada dia que passava, o cheiro se tornava mais agradável, mais doce. Aquele leve odor de ozônio, que a havia surpreendido no primeiro dia, passou a lembrar couro, e então pele suada, e então o mais delicado jasmim. Em suas horas de oração silenciosa, havia sempre uma presença em seu canto de olho, que se parecia com Lúcia, mas que era sempre inalcançável se tentasse ser vista diretamente.

Lúcia falava sobre a vida na cidade, sobre as pessoas que tinha conhecido, os filmes a que tinha assistido. Ficava surpresa toda vez que Cecília dizia que a última vez que tinha assistido a um filme ou a TV tinha sido há doze anos. Nunca perguntava sobre os aspectos religiosos da vida da monja. Nunca se interessava por nada religioso.

Brincava com a prótese metálica prateada que substituía o dedo indicador – que Cecília tinha confundido com um anel – e andava sempre descalça. Nunca sentia frio. No lusco-fusco do entardecer, seus olhos pareciam brilhar com uma luminosidade estranha.

Ela apareceu nos sonhos de Cecília no final de março, durante uma tempestade barulhenta. Vestia o vestido de linho semitransparente, e tinha a boca rosada depois de comer amoras. Depois de beber um gole do sangue produzido pelas vacas.

– Senhor meu Jesus Cristo, – sussurrou Cecília, de joelhos no chão de pedra de seu quarto. – Deus e homem verdadeiro, Criador e Redentor meu, por serdes vós quem sois, sumamente bom e digno de ser amado sobre todas as coisas, e porque vos amo e vos estimo, pesa-me, Senhor, de vos ter ofendido.

No sonho, os lábios rosados de Lúcia tocaram o dela, e ela sentiu o gosto metálico.

– O diabo me tenta. – Ela apertou os olhos, agarrando o terço até que suas unhas cravassem semicírculos em suas mãos.

No sonho, Cecília correspondeu, procurando os lábios carnudos como um animal faminto procura o cheiro de comida.

– Eis-me aqui, meu bom e doce Jesus! De joelhos me

prostro em tua Santa presença, e te suplico que te dignes a gravar em meu coração os mais vivos sentimentos de fé, esperança e caridade, verdadeiro arrependimento dos meus pecados e firme propósito de conversão, enquanto contemplo, com vivo afeto e dor, as tuas cinco chagas, tendo diante dos olhos o que o profeta Davi já dizia de ti, ó meu bom Jesus: “Perfuraram minhas mãos e os meus pés, e posso contar todos os meus ossos”.

Chegou a se confessar várias vezes num dia, de tão frequentes que se tornaram os sonhos. Não saía mais do mosteiro, preferindo cumprir a penitência autoimposta, com os joelhos machucados pela pedra áspera e as mãos doloridas e ensanguentadas pelas marcas de unha. Nada funcionava. Começava a duvidar do poder das confissões, e então se confessava novamente, pedindo perdão pela ofensa.

Acordou no meio da noite, durante outra tempestade, e sentiu o cheiro metálico empestando o quarto. Do canto de olho, viu uma sombra escura, alta e de chifres, se escondendo perto da porta. A luz da vela que ainda queimava perto da cama fazia com que a sombra parecesse ainda maior.

Assim que Cecília olhou na direção da sombra, ela desapareceu, mas seu movimento podia ser visto pelos cantos dos olhos. Atravessou móveis, livros, o fogo da vela e o vidro da janela. Brilhando contra a luz do fogo, aquela mesma luminosidade dos olhos de Lúcia a encarava pelo lado de fora, na chuva.

Levantou da cama e começou a caminhar, quase mecanicamente. Não vestia o hábito, nem o escapulário, e muito menos o véu. Cobria o corpo nu com uma camisola larga de algodão branco. Não levou a vela, já que a chuva apagaria o

fogo. Olhou para o crucifixo montado na parede ao lado da porta, e a imagem de Lúcia invadiu sua mente.

Quando era menina, foi pega pela correnteza no mar durante férias com a família. O mar a levava para o fundo antes de trazê-la de volta para cima, embora nunca na superfície. Quase morreu afogada antes que o pai percebesse alguma coisa e a salvasse. As gotas de chuva pareciam tão geladas quanto o mar naquele dia, e seu estômago dava cambalhotas com a sensação.

Caminhou no escuro, pisando descalça na grama morta, os pés afundando alguns centímetros na lama causada pela chuva. A camisola larga estava colada ao corpo, encharcada de tal modo que o tecido tinha ficado transparente. Andou até chegar num casebre de madeira, quase invisível na escuridão. Abriu a porta e parou.

– Eis. – Lúcia sorriu, sentada em uma poltrona como se já esperasse Cecília.

A monja olhou em volta, para o ambiente tão diferente de sua cela monástica. Frutas apodrecidas numa tigela sobre o balcão. Um pratinho com um pedaço de manteiga. Dois livros de arte no braço do sofá. Hieronymus Bosch e Goya. Uma vela acesa e grudada numa mesa de centro. A sombra alta e de chifres, agora completamente visível, na parede atrás da mulher de cabelos escuros.

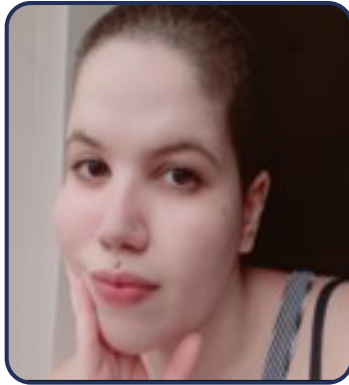
– Tá com frio? – ela perguntou, se levantando. A sombra a acompanhou. – Entre.

Cecília entrou, caminhando na direção dos braços abertos de Lúcia. O cheiro de sangue ficava mais forte a cada passo, até parecer que ela tinha mergulhado numa banheira cheia daquele leite amaldiçoado produzido pelas vacas.

Como nos sonhos, os lábios da mulher eram rosados, carnudos e convidativos.

Lúcia se preparou para dizer algo. Cecília a interrompeu, encostando sua boca na da mulher misteriosa. O metal gelado do dedo indicador do diabo queimou sua pele, deixando um rastro até seu queixo. Afundou o rosto na curva do pescoço da mulher, aspirando seu cheiro. O cabelo escuro fez cócegas na bochecha dela, mas ela não desviou. Escutou a mãe chorando antes de mandá-la pra um mosteiro, porque filha dela não era sapatão. Suplicou por um último olhar do pai, que nunca recebeu. Sentiu o crucifixo contra a pele, debaixo da camisola. Dediquei-te a minha vida assim que te vi e sinto algum prazer sacrificando-a a ti.

INTERDITO



Júlia Valero

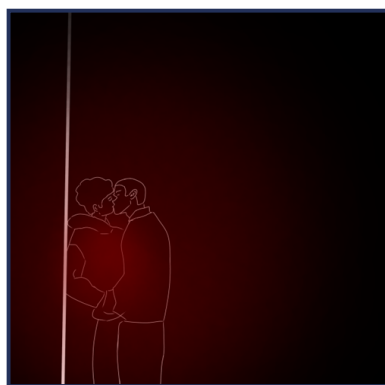


Ilustração de Danilo Ibrahim

Tinha um barzinho perto do meu trabalho onde eu gostava de ir no fim da manhã, perto do almoço. Era aquele tipo de barzinho de bairro que tinha sempre a mesma clientela, e que servia pão na chapa e pingado pra um cliente enquanto servia uma dose de cachaça pra outro. Eu gostava dali porque o suco de laranja – minha escolha de bebida – parecia ter um gosto melhor do que nos outros lugares. Eu também gostava de observar as pessoas, que com o tempo passei a conhecer, e ouvir suas histórias.

No mês de abril, um cliente novo chegou no barzinho. Num primeiro momento, não prestei atenção. Era só mais

um figurante passageiro naquele contexto familiar. Ele ia sempre no horário do almoço, e eu o via de esguelha enquanto corrigia as atividades ou provas dos meus alunos e tomava meu segundo copo de suco de laranja. Algumas vezes, ele usava uma farda militar, de cor azul-aeronáutica, claramente formal. Ele se sentava nos bancos altos e se escorava sobre a bancada, apoiando-se sobre os cotovelos. Sempre pedia a mesma coisa: cerveja bem gelada, que bebericava olhando por sobre os ombros, como se com medo de ser pego fazendo algo que não deve. Como beber álcool em público enquanto usava farda.

Eu coçava a cicatriz na minha perna, o único resquício do ferimento que havia, anos atrás, acabado com minha carreira militar. Sabia o motivo de sua esquiva, de seu receio. E mesmo assim, ele continuava a frequentar o barzinho todos os dias, bebericando sempre o mesmo copinho americano de cerveja, antes de colocar o quepe ou o gorro, pagar com dois reais de sobra, e partir.

O nome dele era João. Fiquei sabendo depois de um mês, quando suas visitas ao barzinho o transformaram em um dos clientes frequentes. Todos os dias, ele chegava, fardado, e se sentava nos bancos altos de frente para a bancada, e começava a conversa, antes mesmo de pedir sua cerveja, com um vai ser rápido, já tenho que ir. Ele sempre ficava por mais de uma hora, depois que a cerveja já tinha acabado há tempos.

Comecei a chegar mais tarde no barzinho – meio-dia, ao invés de dez da manhã – e comecei a me sentar nos bancos altos de frente para a bancada, sabendo que ele ia se sentar no banco ao lado. Depois de três dias ele começou a conversar comigo. Ele estava sempre ocupado. Quando não estava em missões, ou reclamando da burocracia da força aérea, dava

risadinhas e falava de suas muitas conquistas. Soliloquiava sobre mulheres sem nunca realmente explicar quem eram. Aí eu beijei aquela pintinha que a fulana tem perto do umbigo; a sicrana continuou me ligando por uns dois dias; a beltrana não gosta muito de cerveja, prefere vinho tinto. Como se eu as conhecesse, como se eu fosse um de seus amigos, para quem ele contava sobre sua intimidade.

– Gosta de mulher? – me perguntou um dia, depois de um gole de cerveja.

Mostrei a foto da minha noiva, e ele sorriu e me deu tapinhas de parabéns nas minhas costas.

Me chamou de santo, pois minha noiva era a segunda mulher com qual já tinha me relacionado – depois de um namoro fracassado na adolescência –, pois estava com ela há quase dez anos enquanto buscávamos nos estabelecer em nossas carreiras, pois eu estava perto de me casar com minha primeira e única parceira sexual.

Quando ele não estava falando de mulheres, ele falava sobre mim. Você é professor, né? História? Você parece ser inteligente. Mais do que eu. Suas mãos são bem cuidadas, nem deu tempo de formar calos no exército. Ele me intrigava. Sua confiança e autoestima aparentemente infinita, o jeito esquisito que ele terminava as frases às vezes, o cachinho escuro que por vezes caía sobre sua testa – apesar do regulamento acerca dos cortes de cabelo permitidos. Eu o olhava, nos breves segundos de vulnerabilidade, e começava a imaginar seu passado. Sua época de adolescente magricela, o tempo que passou na academia militar, sua primeira conquista romântica.

Um dia perguntei por que ele continuava a beber seu usual copinho de cerveja todos os dias se ele ficava tão preo-

cupado em ser pego. Me explicou que estava alojado em um lugar um pouco longe do bar, então as chances de alguém reconhecê-lo eram pequenas. E que não acreditava que algum dos clientes o entregaria.

– Faço várias coisas que não devia – explicou com uma risada.

Eu não tinha o número dele, parecia íntimo demais. Não fazia diferença, nos encontraríamos no barzinho no dia seguinte mesmo assim. Combinaríamos de jogar vôlei ou futebol, ele anotaria o endereço num bloquinho que mantinha no bolso do peito da camisa, e nos encontraríamos na hora marcada. Ele me passou somente o telefone do escritório onde ficava enfiado quando tinha que preencher alguma papelada.

– Sabe o que está faltando? – perguntou enquanto balançava a cabeça no ritmo da música ao vivo.

Estávamos em dois casais, eu com minha noiva e ele com uma moça de cabelos escorridos que não lembro o nome. Ele havia nos convidado para conhecer um barzinho, com música ao vivo. Um bar de jazz, o que me surpreendeu. Não esperava que ele gostasse daquele tipo de música, mas ele cantarolava todas as melodias, como se conhecesse de cor todas as canções.

– Nada.

– Alguém cantando. – Ele me corrigiu imediatamente, levantando da cadeira antes que eu ou a mulher que o acompanhava pudessemos impedir.

Caminhou até o palco, ao lado da banda, e pegou um microfone emprestado, cantarolando letras em inglês fluente, numa voz melódica e harmoniosa. Sorria e olhava na direção da mesa, como se cantando em um show particular para nós.

Por vezes, sentia que ele olhava diretamente para mim, sorrindo de canto.

Virou quase um hábito. Um barzinho com música ao vivo todo fim de semana. Quando ele não ia acompanhado de uma mulher – toda vez uma diferente –, ele achava alguma durante a noite, se atracando com ela pelas sombras enquanto os músicos tocavam animados. Por algumas vezes, o peguei olhando para mim enquanto beijava uma das moças, sorrindo durante o beijo quando notava que eu havia percebido. Eu virava a cabeça rapidamente, fingindo que não tinha visto nada, batendo as mãos na coxa no ritmo da música.

Quando faltava um pouco mais de um mês para ele ir embora, transferido pra Deus sabe onde, fomos novamente a um desses barzinhos. Minha noiva estava visitando a mãe no interior, e João tinha ido sozinho. Somente eu e ele. Talvez por isso ele não tenha saído do meu lado, mesmo quando seu desejo de cantar junto dos músicos era perceptível. Eu zombava de sua impaciência ao mesmo tempo em que assegurava que ele poderia dar seu show, que eu estava grandinho e que já sabia me cuidar, que já sabia ficar sozinho por alguns minutos. Ele apenas sorria e pegava meu queixo com uma das mãos, apertando minhas bochechas com o dedão e o indicador em um movimento de pinça.

– Eu não te entendo. – Ele riu. – Você não dança, não canta, não bebe e não fuma. Do que você gosta?

Eu dava de ombros sempre que ele começava com aquilo, um sinal de que ele estava começando a se embriagar.

– Você gosta de mulher. – Balançou o dedo indicador como se lembrasse de uma descoberta. – Disso eu me lembro.

Eu observava a fina camada de suor que cobria sua garganta, brilhando contra as luzes coloridas do bar. O pomo de

adão subindo e descendo. Ele me olhou, e seu sorriso vacilou brevemente. Com uma batida estrondosa nas próprias coxas, ele se levantou, dizendo que estava indo fumar. Pela primeira vez naquela noite, ele me deixou sozinho, mesmo depois de passar tanto tempo tentando me convencer da impossibilidade de tal feito.

A banda tocou quase cinco músicas antes que eu perdesse a paciência e saísse atrás dele, numa viela escura e pegajosa – interdita – ao lado do bar. Ele já não fumava mais, mas ainda segurava um copo de plástico vazio, que estava antes cheio de cerveja. De onde eu o observava, João parecia olhar apenas para a parede à sua frente, sem se importar com o cheiro ácido das velhas garrafas de cerveja espalhadas pelo chão ou reunidas em enormes sacos de lixo pretos. Me aproximei lentamente, quase silenciosamente, e o imitei, olhando para a parede suja do outro lado da viela.

Ele suspirou e deu alguns passos para trás, ainda se mantendo na minha visão periférica. Sua mão na gola de minha camiseta me causou alguns arrepios, mas eu não me movi nem me virei. Em vez disso, continuei olhando para frente. Senti sua respiração em meu pescoço; fechei os olhos; seus lábios estavam molhados, rachados e quentes.

Ficamos no mesmo lugar por alguns segundos, ele respirando no meu pescoço, e eu com os olhos fechados e com os pés enraizados no mesmo lugar como se fosse uma estátua. Com o mesmo movimento de pinça do dedo indicador e dedão, ele pegou meu queixo e virou meu rosto para si, gentilmente encostando os lábios nos meus.

Ele tinha gosto de cerveja, de tabaco, de chiclete de menta, de palavrões em demasia, de risadas sarcásticas, de calor, de regras desobedecidas. Tinha cheiro de suor, de loção

pós-barba, de amaciante nas roupas, de álcool, de ar puro da manhã. Seus dedos calejados deixavam trilhas flamejantes em meu pescoço, em minha barriga debaixo da camiseta. Sua respiração tinha a mesma cadência que a minha, e compartilhávamos o mesmo ar naquela proximidade.

Ele foi o primeiro a se desvencilhar, e eu vergonhosamente tentei acompanhar sua boca mesmo enquanto ele se afastava. Sem mais uma palavra, saiu, acendendo apressadamente um cigarro. Voltei para dentro do bar – então sozinho – e escutei mais algumas músicas antes de ir embora, decidindo já estar tarde demais.

João não apareceu mais no barzinho ao meio-dia. Nem no futebol no fim da tarde. Nunca mais saímos juntos nos fins de semana. Uma única vez, liguei para aquele número que ele tinha me passado, dizendo ser seu escritório ou algo assim. Uma voz masculina e desconhecida me atendeu.

– Procuo o tenente Talerico.

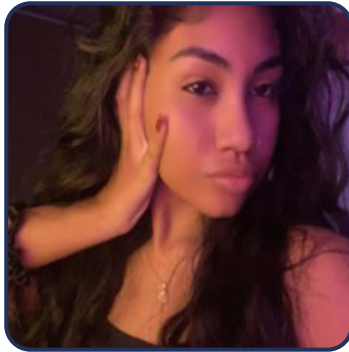
Houve um silêncio hesitante do outro lado da linha.

– O senhor é um amigo dele?

Desliguei sem responder.

Continuei indo ao barzinho por mais alguns anos, mesmo depois de me casar com a minha noiva. Voltei a frequentá-lo às dez horas, ao invés do meio-dia. Não pisei mais em um bar de jazz. De vez em quando, fazendo compras, encontrava uma das mulheres que tinham se envolvido com João no passado, mas rapidamente desviava o olhar, e elas faziam o mesmo. Não me desviei mais do caminho estabelecido. Não fiz mais coisas que não deveria.

CORTINA VERMELHA



Karen Oliveira



Ilustração de Ana Pereira

*You know all the words to the play
But all I wanted was you to stay
Your time is running thin
'Cause I'm falling through the cracks under your floor*
Ballroom Extravaganza - DPR Ian

Quando Igor a convidou para ir a uma peça de teatro, Carolina riu. Não era um riso por ter visto graça na fala do outro, mas sim um riso de desespero. Nunca havia pisado em um teatro antes; considerava isso um luxo reservado para aqueles que podiam financiar a arte. Ela não se via como parte desse grupo. Março estava chegando ao fim, assim como a comida no armário e as contas que se acu-

mulavam na mesa. Como Igor podia pensar em gastar o dinheiro que tanto se humilharam para ganhar?

Ela esperava que ele não a interpretasse mal. Não era do tipo que desvalorizava a arte. Na verdade, sonhava em ser artista, mas por enquanto, seus sonhos estavam em segundo plano, enquanto lutava para sobreviver dia após dia. Ela sonhava todas as noites com o dia em que finalmente poderia luxar visitando museus, teatros e todos os tipos de lugares que só ouvia falar pelos universitários e intelectuais da grande São Paulo.

“Eu preciso muito assistir a essa peça.”

Mais uma vez tentou fingir não ouvir para evitar brigas, mas dessa vez sabia que não conseguiria se safar daquela conversa. Sua cabeça latejava só de pensar.

“Eu sei, mas já parou para pensar que só o preço do ingresso vale nossa refeição de quase um mês inteiro? A gente tem contas para pagar, cara.”

“Claro que pensei. É só nisso que venho pensando desde que chegamos a esse lugar. Mas, pelo menos uma vez na vida, quero me dar a chance de aproveitar algo de bom. Algo que não seja a superlotação dos ônibus, o céu cinza do centro ou o esgoto a céu aberto bem na nossa porta. A gente se fode todo dia, Carolina! Parecemos dois animais que só vivem esperando sabe-se lá o quê melhorar. Eu estou cansado disso tudo.”

Soltou um suspiro; também estava cansada daquela vida, de discutir com o próprio melhor amigo quando ele tinha razão e tudo o que lhe sobrava era o medo de se privar das coisas e de ficar aguardando uma salvação cair de algum canto. Sentia-se de mãos atadas, com o peso do mundo em suas costas.

“Tá bom. Eu vou com você.”

Sentiu os braços de Igor a abraçarem com força. O cheiro do amaciante barato que usavam inundou suas narinas. Tentou se soltar, mas ele se recusava, apertando-a cada vez mais. Ali, naquele apartamento apertado, se permitiu amolecer no ombro do amigo; ninguém de fora entenderia a relação confusa e turbulenta dos dois, mas o outro era tudo o que tinha sobrado para ela no mundo.

“Eu te amo muito, você não vai se arrepender.”

E quando as cortinas desceram lentamente, marcando o fim da peça, Carolina percebeu que, para ela, aquilo estava longe de terminar. Não sentia um pingo de arrependimento. A música cadenciada ainda ecoava em seus ouvidos, conduzindo sua mente a acompanhar o vulto no palco, enquanto a luz fraca realçava os movimentos precisos. Seus olhos seguiam a bailarina, cativados, atentos a cada passo, como se fossem hipnotizados por sua presença eletrizante. Não podia se atrever a perdê-la de vista. Piscou devagar.

“Agridoce,” murmurou para si mesma, como se a própria história tivesse escolhido o nome para passear em seus lábios. O vestido branco da figura parecia ganhar vida, as rendas dançando em harmonia com a música, refletindo o ritmo acelerado de sua respiração. Sentiu-se como os marinheiros das antigas lendas que se perdiam no canto das sereias.

Agora, Carolina compreendia porque Igor tinha insistido tanto para irem assistir à peça. A história retratava a vida de uma jovem que se sentia estrangeira, muito deslocada em sua atmosfera. À medida que a trama se desenrolava, a dor da personagem, incapaz de se libertar de sua própria prisão, tornava-se palpável e angustiante. Carolina podia sentir Igor

tremendo ao seu lado. Ambos se viam refletidos naquelas cenas, nos olhares desesperados e nos sussurros sufocados.

Quando se deu conta, a plateia que antes lotava o lugar já se levantara, e a movimentação para fora do teatro diminuía gradualmente. Ela, porém, permanecia lá, presa ao seu assento com a boca entreaberta. Se demorasse mais para fechá-la, correria o risco de babar ou de um mosquito entrar, como costumavam dizer. Um estalo de dedos bem na frente dos seus olhos a tirou do transe.

“Se não sairmos agora, vão nos trancar aqui dentro.”

Concordou com a cabeça, batendo as mãos inquietas no colo, preparando-se mentalmente para levantar e deixar toda aquela magia retida entre as paredes escuras. Talvez desejasse permanecer ali. Talvez quisesse aventurar-se por trás daquelas cortinas e imaginar-se diante de uma plateia, seu público. Permitiu que a sensação de ser vista pela primeira vez brincasse em sua garganta, mas não teve coragem de deixá-la sair.

“Você sabe o nome dela?”

“De quem?”

“Da dançarina.”

“Acho que no cartaz estava escrito Moara.”

“Moara?”

“Não tenho certeza, mas por que a pergunta?”

“Nada demais, só curiosidade.”

Sabia que o amigo não acreditaria só naquela resposta, mas não se importava, não quando seus pensamentos ainda

estavam presos nela. Moara. Sua presença preenchia o ambiente em sua totalidade. Estava encantada. Apaixonada.

O que Igor não viria a saber era que, nas noites seguintes, ela refez o mesmo caminho até o teatro, no mesmo horário, às dezenove e quarenta e cinco, na esperança de ver Moara novamente. No entanto, ela não apareceu, nem na segunda e nem na sexta. Até que decidiu perguntar a alguém: “Quando Moara volta?” e recebeu uma resposta que partiu seu coração. Ninguém ali parecia saber quem era ela. Mesmo explicando sobre a peça que assistira na semana anterior, ela só recebeu olhares confusos. Nenhuma Moara trabalhava por aquelas bandas.

Chutou todas as pedras que encontrava no caminho de volta, sentindo-se frustrada por diversos motivos. Podia dizer que se encantou por alguém que talvez nem existisse e que tinha visto apenas uma vez na vida, e se sentia patética por tal feito. A frustração por não ter visto Moara logo se transformou na frustração por não ter sido aceita em nenhum emprego, por estar longe da família, morando em um quarto minúsculo em um bairro abandonado, por não ser mais digna de voltar para casa ou de se olhar no espelho.

Sentou-se no meio-fio da rua e acendeu um cigarro, o último que encontrou perdido no bolso da jaqueta velha. Encarou de volta a coruja solitária no topo do poste, que mantinha o olhar preso em si; a luz piscava, indicando que logo deixaria a vizinhança no escuro mais uma vez. Carolina não entendia como sua vida tinha tomado aquele rumo tão oposto ao que imaginou para si quando criança na cidadezinha do interior. Sentia falta de seu lar, dos abraços, dos bolos caseiros de sua mãe e de assistir à novela das seis reunida com as primas e a avó na sala. Sentia falta de quando era pequena e não preci-

sava enfrentar os olhares decepcionados que agora a família lhe direcionava por ter se assumido. Queria voltar a ser aquela garotinha inocente, mas aquele lá de cima conseguia ser injusto e a havia tirado de si há muito tempo.

Coçou a garganta, que agora entalava um choro recém-chegado, amassou o maço com a bota e virou-se na direção do beco que levava até seu apartamento. Secou o rosto desajeitadamente com a barra da jaqueta, sentindo uma ardência com as partículas de terra que sua mão trouxera até os olhos.

“Onde você estava?”

Foi a primeira coisa que ouviu ao destrancar a porta e dar de cara com a figura de um Igor preocupado e visivelmente irritado. Assim como ela, o colega havia sido expulso de casa pela família que não aceitava a identidade escolhida por si. Antes de ser Igor, ele havia enterrado Vitória. Assim como Carolina, Igor era uma das almas pobres do interior que vagavam pela capital com um bolso cheio de sonhos de uma vida melhor e mais afetuosa. Mas, após meses de sofrimento, o bolso estava rasgando, deixando os sonhos escaparem pelo caminho. Promessas de uma vida melhor agora só se encontram estampadas em camisetas de feira.

“Lugar nenhum.”

“Você sabe que eu me preocupo com você, Carol.”

“E eu agradeço, mas sei me cuidar sozinha.”

Odiava ser grossa com o outro, mas só queria se deitar e esquecer tudo. Desde o dia em que deixou Sidrolândia para sofrer em São Paulo, desde que se perdeu entre as vielas de seus medos e inseguranças. A cabeça latejava em uma súplica chorosa para acabar com aquilo. Sabia que ele iria deixá-la

em paz e não tocaria no assunto, então nem tentou dar alguma brecha.

Demorou para adormecer. O colchão duro, improvisado sobre tábuas de madeira, parecia atravessar as camadas de suas roupas, enfiando farpas em sua pele. Estava agoniada e inquieta, seus pensamentos incessantes. Quando enfim adormeceu, percebeu que o sol entrava pelas rachaduras da porta, queimando seu braço.

No dia seguinte, saiu apressada, carregando uma pasta amarelada com quatro cópias impressas de seu currículo. Antes que percebesse, estava recebendo mais um “não”, e o suor pingava incessantemente de sua testa.

“Seu currículo não é ruim, sabe?”

Foi o que uma moça rechonchuda lhe disse antes de recusá-la. Já tinha perdido a conta de quantas críticas veladas recebeu. Sempre era um “você é boa, mas...” ou “com certeza encontrará algo melhor.” Mas esse algo nunca chegava. Seus pés imploravam por descanso; bolhas iriam aparecer mais tarde. Os sapatos apertados tinham tido as solas coladas tantas vezes que com certeza não aguentariam o caminho de volta. Decidiu parar para tomar um suco em uma barraca, pegou a carteira e juntou seus últimos trocados.

Enquanto brincava com o canudo no copo, avistou de soslaio, do outro lado da rua, uma figura familiar caminhando entre a multidão. Era ela. Moara. Tinha tanta certeza que saiu disparada, deixando a bebida e a pasta na mesa, ignorando as buzinas dos carros enquanto atravessava a rua com o sinal aberto.

“Presta atenção, caralho!”

“Olha a rua!”

Precisava encontrar aquela mulher. Precisava dizer o quanto havia gostado da apresentação dela. Precisava saber por que não tinha aparecido nos outros dias, se seu nome realmente era Moara, se ela a ajudaria a realizar seu sonho. Precisava de respostas. Precisava de tantas coisas que seu corpo, agora estirado sem vida na calçada, não conseguiu evitar de sorrir, mesmo com o sangue formando uma poça ao seu redor.

As cortinas do espetáculo de Carolina estavam agora se fechando, mas não da maneira graciosa que ela sonhava para si. Seu rosto estaria estampado no jornal, mas não por seus grandes feitos, estreias ou falas memoráveis, e sim por vontades inacabadas que nunca teria a chance de realizar. Mais uma vida perdida se esvaía nas ruas de uma cidade tão mentirosa. Nenhum público esperava para ver Carolina no palco, nenhuma família esperava para abraçá-la no almoço de domingo.

KAUANE



Anthony Carvalho

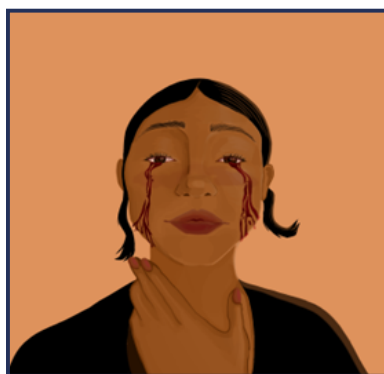


Ilustração de Danillo Ibrahim

O envelope me esperava, na sala onde eu mesma o havia deixado de manhã. Caminhei lentamente pelos corredores coloridos de casa, minha casa? Estranho. Talvez devêssemos ter tido filhos, mas eu não tive tempo. Das poucas semanas que ele passava em casa, quantas não passei apenas desejando que não fosse embora? E quantas outras desejando que fosse?

Eu fui, meu cabelo estava preso, eu gostei, foi a primeira vez em muito tempo que meus cabelos não tocaram minha cintura como ele gostava. Eu comi, não lembro bem o que, sei

que tinha carne. Vesti meu vestido preto mais discreto, naquele lugar os sussurros eram altos e eu nunca aprendi a não ligar. Dentro daquele jato, olhando pra fora, eu só pensava em sumir, por que eu estava indo? Mas, como sempre, tentei entrar na jaula dos leões fingindo ser um deles, até porque foram os amigos que escolhi.

Dentre tantos rostos odiosos, o do Marcelo era sempre o mais brilhante. Gosto de pessoas fáceis de achar na multidão. Ele logo me empurrava o drink mais colorido e doce que achava, antes que eu pudesse recusar.

– Você tá péssima, mas já faz uns 6 meses, né? Sai dessa.

– Cala a boca.

– Se eu calasse, não seria mais convidado pra nada, já viu alguém calar a boca aqui?

Eu queria ter visto como o luto foi pra ele, mas não éramos amigos. Eu só vi o Lucas uma vez...

– Jonas! Quanto tempo!

– 3 anos.

– E São Paulo? As “Coisas” tão bem?

– É, como sempre.

– E a indiazinha? É de lá?

– Minha noiva, Kauane.

Depois, numa conversa, eu confirmei que era paulista. Eu não ligava muito pra gente sem noção, só respondia tudo e às vezes soltava umas risadas. Jonas ligava, mais do que eu gostaria, mesmo que ele também fosse. Logo depois, conheci o Marcelo, vindo por trás do Lucas, ele perguntou baixinho se eu era puta, disse que eu era exótica, o Lucas disse que eu

era noiva, eles riram, não foi baixo. Depois vi ele no velório, vi vários óculos também, Gucci, Prada, Louis Vuitton, lágrimas faltaram, eu acho. Mas, como sempre, tiveram sussurros, principalmente sobre mim.

– Olá! Você é Kauane, né?

– Sou sim! E você?

– Muito prazer, Arnaldo Meyer.

Eu não levantei a minha mão, apenas a senti subir sob seus dedos pálidos, tocando sua boca seca e fria. Quem faz essa merda?

– É uma honra conhecer uma mulher como você, com uma beleza tão exótica. – Ah! Obrigada.

– Eu te convidei pra a reunião de inauguração da minha casa, porque também é uma exposição das antiguidades que compõem a minha nova decoração, e como é uma casa de férias, eu ainda farei muitas reuniões, espero contar com a sua presença.

A conversa teria acabado aqui, mas hoje franzi as sobrancelhas.

– Talvez você pense que essas coisas deveriam estar em um museu, mas quero que você saiba que – Não, não penso em nada agora, sei como é, a história é de quem paga mais, eu não ligo pra como conseguiu essas “peças decorativas”. Eu sei que tipo de homem você é, meu marido nunca faltou com exemplos.

– Sempre tive inveja do seu marido, uma coleção incrível.

Eu realmente não sei se ele pretendia aliviar o clima, mas essas pessoas nunca fizeram muito sentido pra mim.

- Onde você vivia antes de morar com o Jonas?

Eu devia ter dito que era de São Paulo.

- Você acha que eu vim de onde? Da mata? Ou de um zoológico?

- Vem amiga, você não tá bem, vamos lá fora.

- Você acha que pode me convidar pra compor a sua exposição? Vai tentar me comprar também? Todo mundo aqui acha que pode comprar qualquer coisa mesmo.

Talvez eu devesse ter deixado o Marcelo me puxar até a porta em silêncio, mas eu ouvi uma coisa que não consegui ignorar. Quando eu me virei de costas pra praia, minhas lágrimas caíram vermelhas. O som estridente vindo de trás do meu cabelo preso, pintou toda a sala, limpando os rostos sujos de sussurros e fazendo gritos, assim eu me fui pela segunda vez, mas tudo bem, eu realmente estava péssima.

DESABROCHAR DA FLOR DE PAINEIRA



Ariel Escobar



Ilustração de Josué Silveira

Yuri olhava para a parede, o branco tomava a mente e um milhão de frases ameaçavam começar e terminar. O silêncio reinava. Ele se senta no sofá e olha para o chão, uma pontada atinge seu coração e abre espaço para uma enxurrada de espinhos, seus olhos sangram lágrimas silenciosas que divinamente descem pelo seu rosto como cristais. A perturbação toma conta de sua mente.

“Eu te amo, me desculpa por isso ter acontecido, não era para ter sido assim” e ele se foi, Fábio saiu correndo pela porta que estava aberta, abrindo o chão aos pés de Yuri e dei-

xando a ventania entrar e derrubar todos os móveis. “Vamos colocar um fim na nossa amizade hoje, Yuri. Sinto muito por isso, eu não aguento mais. Você é o meu mel e agonia, não aguento mais ser só seu amigo, eu prefiro a dor da saudade”.

Ele não viu a boca de Yuri se abrindo, o franzir da testa e nem os olhos se movendo para todos os lados, ele não viu o descongelamento de sua face, ele não viu a quebra do rosto muitas vezes sereno. Ele se virou e foi embora. Apenas se foi, como se não tivesse acabado com uma amizade de dez anos sem receber uma resposta, como se estivesse saindo do consultório odontológico em que ia frequentemente.

“Eu também te amo” sussurra a mente de Yuri. “Por favor, volte para mim” ele grita, desta vez. O corpo imóvel e as lágrimas descendo, o olhar fixo na parede branca vazia e a periférica na porta de madeira aberta. A testa se franze mais e a cabeça inclina um pouco para a direita. “Eu também... te amo” ele finalmente diz em voz alta e se assusta com a própria sentença, os olhos se arregalando e a risada desacreditada explodindo. “Eu te amo pra caralho” ele diz com a maior certeza do mundo e se vira, correndo para fora do apartamento sem se importar de trocar o pijama que estava vestindo ou os chinelos que usava.

Ele desce o edifício sentindo a euforia crescer assim como a velocidade de seus pés, percorre a Afonso Pena e avista o mais baixo atravessando a avenida enquanto o sinal para carros está fechado, a cabeça baixa, o Manoel de Barros metálico parece ainda mais solitário hoje, o espaço ao seu lado se destacando como o carro de som do circo.

Yuri corre e tropeça no próprio chinelo que quebra na hora, ele o abandona e continua correndo, até chegar em

frente a Fábio. O baixinho vê o garoto à sua frente vermelho, ofegante, suado e com apenas um chinelo, o cabelo preto liso grudado na testa enquanto ele não inicia nenhuma frase, apenas encarando os olhos castanhos.

– Eu... – Yuri desiste de falar e o beija sem deixar brechas para pensamentos. O beijo inicia com uma batida de dentes que é veementemente ignorada, o sorriso no rosto de Yuri fazendo o rosto de Fábio sorrir também e nada acontecer como nos filmes de romance. Os carros buzinando, o único passarinho presente sendo o que acompanha Manoel de Barros, o riso de Yuri não cessando, Fábio tremendo de ansiedade e euforia, os corações não normalizando as batidas e os xingamentos que se iniciam pelos dois pedestres parados no meio da enorme avenida.

– EU TE AMO TANTO QUANTO EU AMO AQUELE PARQUE PERTO DA SUA CASA!

Fábio fica vermelho e depois ri da declaração, sorrindo como se quisesse fazer cosplay do gato de Alice.

– Você deve me amar muito mesmo, nunca vi alguém amar tanto um parque como você ama aquele.

Fábio abraça Yuri e eles se encontram em um eclipse.

– Te amo até o infinito, benzinho.

Um motorista sai do carro e começa a correr atrás dos dois, que arregalam os olhos e descem a Rui Barbosa de mãos dadas, as risadas fazendo os estudantes da estadual e as senhorinhas que passam julgarem-nos bastante, quem ri assim em plena tarde de terça-feira?

Fábio volta para Yuri assim que os carros voltam a circular pela grande avenida. Sorrisos nos rostos, mãos dadas,

olhares tendo encontros falantes e paineiras florescendo na beira dos córregos da cidade, março finalmente chegou.

**QUANDO O GALO NÃO PARA DE CANTAR
ÀS 5H DA MANHÃ**



Ariel Escobar



Ilustração de Ana Vicente

Tocava o violão com calma, a cabeça em fúria pensando no beijo que suas duas ex esposas trocavam. Repugnante. Seu cabelo branco e as rugas em seu rosto entregavam ter mais de 30 anos, os dedos calejados conheciam as cordas perfeitamente, seu encontro era regrado, manso e ritmado.

O espaçamento entre as notas diminuía.

Elas estavam o desafiando, claro que estavam. Por qual outro motivo elas ficariam juntas? Amor? Não, elas não tinham esse sentimento. Ele tinha certeza que isso tudo era uma provocação cuidadosamente arranjada. Seus dedos

pressionaram as cordas com uma força desnecessária e incomum para alguém tão experiente na arte de tocar violão.

O acelerando começava.

Tudo isso poderia ter sido evitado se ele tivesse deixado seus casos mais misteriosos, longe dos olhos públicos. As paredes têm ouvidos e eles ouvem suas falhas de ritmo. Adúltero sim, sabia que esse era seu pecado. Mas o que ele poderia fazer? Lembrava bem vagamente das aulas de biologia de quando era menino, os homens são diferentes das mulheres, estava em seu sangue. Tinha certeza. Mas não tinha problema. Pai nosso que estais nos Céus notas rápidas noites incessantes rezando Santificado seja o Vosso nome Fez isso desde menino Venha nós ao vosso reino Salvos serão os homens que continuarem a te seguir Seja feita a Vossa vontade Morte aos traidores Assim na Terra como nos Céus.

O espaço entre as notas era um diminuendo.

As cordas de aço começam a fazer leves fissuras nos calos antigos, correndo como um hematófago faminto. O dó, ré, mi, mi, dó não parava, as paredes mais atentas do que nunca. O pão nosso de cada dia nos dai hoje Eram repugnantes Deus o perdoaria o receberia com pão e vinho Perdoai as nossas ofensas mas não as delas Imundas vadias.

De repente uma pausa. Duas, três, não chegou na quarta, o ritmo do sertanejo estava levando novamente os insetos na parede à loucura.

Sangue nos dedos, ele não para nunca. Assim como nós perdoamos os nossos devedores. Staccato. Os, homens, apenas, eles, sabem, a, dor, da, rejeição, feminina. Malditas mulheres não sabem amar O beijo possuía um vermelho que ele

nunca tinha visto Vermelho vermelho pingante. Lágrimas nos olhos velhos viam a cena com atenção, perplexidade e formigas que picavam a ponta de seus dedos do pé. Traidoras, Deus não as perdoará.

O relógio faz um clique de morte. Os dedos com cortes profundos e a música fora de tom não se sabe mais qual é A música que toca enquanto a Dona Morte se arruma para sair Não nos deixeis cair em tentação.

Em um ímpeto, as cordas vocais tocam em fermata enquanto as do violão são arrancadas em um barulho insalubre fortíssimo. Os passos são rápidos, parecem os de um corredor, a fechadura da porta se parte. Na sala do lado é possível ouvir choramingos abafados por cordas que circulam seus corpos A porta é batida fortemente na parede quando aberta engasgos femininos são ouvidos. Seu Jonas, grande homem de Deus e pastor da Igreja local, que se localizava a mais ou menos 10 km do local afastado, entra na cena como se tivesse direito de estar lá. O galo não canta, como se previsse o que aconteceria, ou talvez cantasse e sua voz tivesse sido tirada de cena pelo barulho das cordas do belo instrumento de seis de aço.

Cordas sendo passadas por dois pescoços adornados por terços Cecília Josefina o fogo vermelho da paixão sendo substituído pelo sangue vermelho da dor cordas de aço se encontrando com cordas vocais a força de um touro sendo aplicada Mas livrai-nos do mal.

Jonas ri como se tivesse ganhado na loteria no mesmo dia da morte de seu filho suas mãos apertando forte as cordas inúteis e os dedos da mão sendo decepados AB- A+ O- misturados em uma poça distante de doce.

As sirenes sforzando da polícia rural são ouvidas ao longe acompanhadas do cantar forte e legato do Urutau.

Amém.

COTIDIANO



Danillo Ibrahim

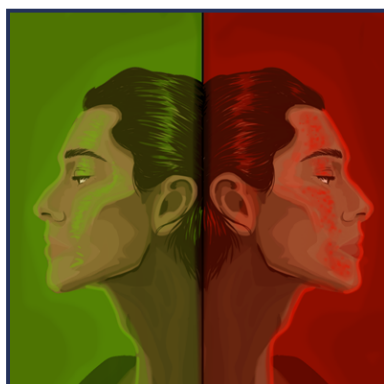


Ilustração de Danillo Ibrahim

Acordado. Novamente. Não sei se levanto, meus lençóis se movem como um cardume em uma rede, prestes a sair do mar. Consigo ainda sentir o cheiro, não lavados há tempos. Se eu me levantar rápido demais, posso me afogar. Não tenho fome, prefiro me abster da sensação agonizante de sufocação, em vez de me dirigir ao motivo da ânsia que consome meu estômago.

Você continua lá parado, no cantinho escuro e bagunçado da minha cabeça. Não suporto essas enrolações; meu corpo chega a flutuar só de pensar em perder meu tempo. Mas,

ainda assim, me recuso a pôr os pés nessa cerâmica fria. Eu queria encontrar você, mesmo que meus neurônios se embolem ao tentar pensar em uma narrativa de romance. Você sumiu há alguns dias, não deu notícias.

Ainda assim, acorrentado e observado, vendo a mim mesmo a ideia de que um dia consiga melhorar. Será esse meu desejo?

Tarde da noite, me olho no espelho. As maçãs do meu rosto estão quase caindo. Vou tomar um banho para lavá-las e fazer um lanche. Após me deleitar com a fartura que me impus, deito-me novamente e começo a pensar, pensar nas conversas que eu tinha, ora com meu psicólogo, ora com a psiquiatra. Não conseguia acreditar no diagnóstico. Derrete rápido a pílula da minha energia, e assim caio no sono.

Acordado. Novamente. Sentado. Observo a maçaneta dourada reluzente da porta do meu quarto. A madeira amarelada me lembra o bar onde nos conhecemos. Quando, sozinho, num dia frio, eu bebia uma taça de vinho tinto seco na mesa 8. Você me aborda quase como se já me conhecesse: “Tem fogo?”, pergunta, segurando um cigarro. Eu, que tinha aversão ao cheiro da nicotina, educadamente disse que não fumava. Você vivia com um sorriso disfarçado, dançando no meio de todos, abusava do álcool, algo que eu não admirava. Mesmo assim, me deixei levar pelo jeito insistente e atrevido com que você conduzia seus assuntos e gírias infantis.

Me levanto. Chegando à cozinha, pego um pouco do sorvete de caramelo. Não que eu goste do sabor, mas aquele aroma me transporta para a sorveteria de onde saímos sóbrios pela primeira vez. Você pediu um sorvete de caramelo e um de morango. As pessoas nos olhavam demais; me senti

ofendido. Saímos da sorveteria. Naquele dia, você me disse que caramelo era seu sabor favorito. Achava estranho como nunca conversava com nenhum dos meus amigos, nem com ninguém. Mesmo assim, não me abalei, não sabia dos seus motivos.

Começo a tomar esse sorvete compulsivamente. O sabor me lembra tanto você. Seu jeito doce, tão doce que seria enjoativo se eu não precisasse tanto da sua presença agora. Na televisão, imagens rápidas correm, enquanto lentamente dissocio. Vejo as luzes: azul, verde, vermelho. Azul, verde, vermelho.

Acordado. Novamente. Olho em volta. Tem um pote com meu sorvete favorito derramado no chão. A televisão está ligada no meu canal favorito, desenhos animados. Sentindo fome, corro para a cozinha comer os doces e salgados que sobraram da festa à que fui alguns dias atrás. Caminho até meu lugar favorito, o bar onde te conheci. Desesperadamente, corro atrás de você. Onde está?

Não pode ser.

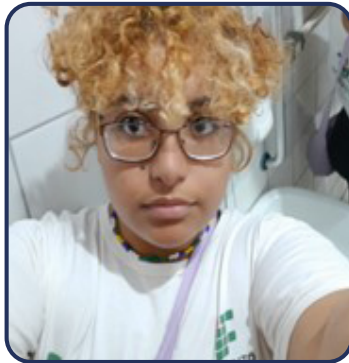
Vou para nossa casa. O cheiro dos lençóis imundos e do chão mal lavado inunda minha cabeça. Cadê você? Sinto fome, provavelmente não comi bem. Tento lembrar dos últimos dois dias. Onde está você? Tudo o que eu queria era que meus neurônios se embolassem para pensar numa narrativa de romance com você.

Não importa.

Não consigo mais te ver, nem te sentir. O tempo se encarregou de fazer você sumir, ou foi a medicação? Ainda beijo seus lábios com os olhos fechados, e, em silêncio, danço a linda melodia do rádio.

Lentamente, meus lábios cruzam os seus, quase como se fosse uma dança, um vai e vem de memórias e amores. Sento no chão da sala. Daqui a um tempo, nem eu, nem você, nem o nós vai existir.

AQUELA CAMA



Anthony Carvalho



Ilustração de Danillo Ibrahim

Carregando a panela efervescente à mesa, passo a passo, o medo de que a alça lisa escorregasse daquelas luvas grandes abafava a minha euforia. Os melhores finais de semana são assim: a gente joga a madrugada toda, come um pacote grande de Cheetos de parmesão e dorme só quando o sol chega na janela. Conversei sorridente com todos na mesa, mas confesso que nem chequei suas presenças. Meus olhos seguiam as idas e vindas daquele copo. Eu não queria olhar o jeito como ele engolia rápido, um depois do outro, como se tivesse sede. Eu não podia fazer isso de novo, ver aquele passar da língua suave pelos lábios molhados de

morango. Mas só percebi o quanto me deixei levar quando a tia Ana perguntou se eu estava bem.

Certamente não ando sendo um bom amigo. Eu realmente imaginava que ele também se sentia assim no começo, então acabei tomando certas liberdades. Mas algumas palavras ditas por certas pessoas têm significados e pesos muito diferentes. Eu realmente pensei que aqueles olhares, os toques no cabelo, beber no meu canudo... Mas a primeira vez que eu disse em voz alta, vi aquela expressão. Eu nem sei como ainda nos falamos depois. Como sempre nos falamos depois? Depois de tantos desentendimentos e olhares estranhos. Mesmo com tudo, toda sexta a gente volta pra casa e passa o final de semana. Tudo sempre volta aos eixos na segunda.

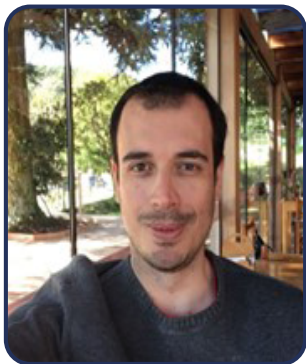
Comemos com pressa pra voltar a jogar. Hoje ele me deu a missão de terminar Pathologic 2. Confesso que o jogo me dá medo, mas ali sentados naquele tapete felpudo, nossos joelhos se apoiaram por alguns instantes. Num profundo suspiro, finalmente me veio a certeza de que ele não me odiava, de que ainda poderíamos esquecer tudo e seguir. Ainda duvidava um pouco da minha capacidade de terminar aquele jogo. Eu mal entendia a história. Eu estava acostumado a assistir longas gameplays de jogos parecidos, mas nunca jogava. Eu sempre pensava em jogar, pensava se conseguiria fazer tão bem quanto qualquer um jogando. Mas no fim, acho que não. Acho que não vou conseguir ter um bom final. Eu nunca chego a lugar nenhum.

Acho que hoje ele estava impaciente. Pegou o controle da minha mão e disse que essa parte ele podia fazer pra mim. Com os olhos sem desviar da tela, me disse que era a minha primeira vez jogando aquele jogo, que tá tudo bem ser ruim. Me disse que, se tivesse me ajudado, já teríamos chegado no final que ele queria.

Aqueles sinais todos me voltaram rapidamente à cabeça, quando, depois de alguns minutos jogando, me deu o controle e pôs sua mão a descansar na minha perna, bem mais pra cima do joelho. Me encolhi todo, e quando senti seu olhar arregalado em mim, me vi na obrigação de explicar. Disse, com as sílabas tão separadas e repetidas, quase que não dizendo, que só estava levantando pra buscar o colchonete. Mas ele disse que eu cabia na cama com ele. Achei estranho, de verdade. Mas ele me disse que essas coisas só são estranhas se não é o que os dois querem.

Ele me disse que queria.

SORRISO DENTRO DA BOCA



Flávio Amorim



Ilustração de Danillo Ibrahim

Era como se estivesse o tempo todo próxima de um susto. Aquele momento em que o personagem do filme de suspense anda por um corredor e as luzes obviamente não acendem. E há muitas portas. Uma infinidade de portas fechadas.

Caminha como se não passassem aqueles espasmos da perna quando a gente tem a sensação de que está caindo da cama. Um pé, o outro, segura no corrimão. Abaixa a cabeça para não ter que cumprimentar ninguém. É segunda-feira. A aula já começou e o único lugar vago é o de

sempre. Depois vai inventar alguma história sobre ter ficado sem celular. Mas ela viu a mensagem. Renata a cumprimenta com um sorriso e volta o olhar para o quadro. Seus pés não encontram o piso. A voz da professora vem de muito longe. Ditadura. Censura. Mortos. Exílio. Afasta de mim esse cale-se. Alguém faz uma piada. Os babacas do fundo riem. Uma bronca. Silêncio. Mais sessenta minutos de estilhaços de informação.

Renata faz um comentário. Ela concorda, mas não sabe o que ela disse. A voz da amiga é o barulho estranho atrás de uma das portas. Ela está parada ali, sem saber se vai abri-la. Nos filmes, a personagem perturbada definitivamente abre e é ali, naquele momento, que o história fica interessante.

Uma bola de papel atirada em direção à lixeira. Algumas pessoas trocam mensagens e dão risadas. Sabiam que ela tinha recebido uma mensagem de Renata, é isso, só pode ser isso.

A professora ainda fala quando ouvem o sinal. Renata a convida para tomar água. Ela sussurra que prefere ficar na sala e não vê a decepção no rosto da amiga que, por sua vez, não sabe que ela não dormiu a noite passada. Não sabe que ela caminhou pelo quarto, que folheou livros, que tentou ouvir música, que abriu e fechou a janela incontáveis vezes, que quis pular e sair gritando pelo quintal, que sentiu vontade de fumar e de beber, que pegou um terço, que pensou em Jesus, que deitou no chão, que se despiu, que teve febre, que não conseguia desenvolver um único pensamento que fizesse sentido. Renata não estava lá quando já era hora de se arrumar para a escola e quando suas lágrimas se perderam na água do chuveiro.

Palavras. As coisas só existem quando se escreve sobre elas. Se não há materialidade, os pensamentos seguem difusos, uma massa distante que evoca sentimentos, reações, mas que não se pode tocar. O desejo no campo das ideias. O medo de que ele se torne real.

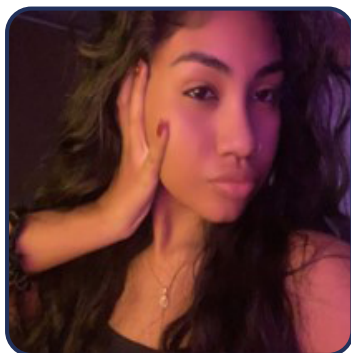
A aula de literatura da sexta passada tinha feito aquilo. A história de uma vó lésbica. E Joana... e Taís e o sorriso dentro da boca. Desde que tinha lido o conto, aquele deslocamento. Em pé, diante de seu não-lugar, não sabia como agir. Os mesmos protocolos não serviriam. Tiveram de discutir o texto. Ela tinha muito a dizer, mas não soube como. Era preciso que as palavras viessem em seu socorro. Quando vieram não eram suas, a aula tinha acabado, ela já estava em casa, abrindo a porta do quarto como se fosse a primeira vez que o fizesse, sentindo o toque desconhecido do lençol, observando os pôsteres na parede, as fotos na mesa de cabeceira, imaginando de quem havia sido esse lugar até hoje. Deitou na cama, pegou o celular. A mensagem de Renata dizia que ela queria aprender a sorrir dentro da sua boca.

Ela nem percebeu quando o professor de física começou a aula. Um exercício sendo resolvido no quadro. Correção da tarefa que ela não fez. Sente medo pensando que ele pode perguntar algo a ela e se encolhe. Renata tem o cálculo desenvolvido no caderno, mas não presta atenção na correção. Está com o livro da Natália Polessa no colo. Renata percebe que ela está olhando e lhe direciona outro sorriso. Ela sente vontade de retribuir.

Pede ao professor para ir ao banheiro. Corre pelas escadas, passa pelas portas fechadas e ganha o pátio. Atravessa nesse ritmo todo o espaço que existe entre o bloco de salas de aula e o final da quadra. Fica parada diante do pomar.

Quando abre a porta, já caminha com um pouco mais de firmeza. Olha para os colegas que copiam do quadro, olha para o professor. Senta-se ao lado de Renata e coloca sobre sua carteira três pequenas amoras.

PARA ONDE VAMOS, RITA?



Karen Oliveira



Ilustração de Danillo Ibrahim

“A coisa mais comum torna-se encantadora se a escondermos”

O retrato de Dorian Gray
Oscar Wilde

Sabe de uma coisa, Rita? Você sempre me foi um mistério, mesmo sem querer ser. Tem quem ache que é preciso virar o outro do avesso para que as coisas deem certo, mas, desde cedo, eu soube que tentar te revirar em corpo e alma seria como matar algo vivo. O que pulsa em você não me implora por explicação. Eu só quis – e quero, a surpresa contínua de não saber, de não precisar saber.

Te olho agora, deitada no meu ombro, teu corpo todo entregue, mas tua mente longe, vagando por um canto que eu nunca conheci. E talvez nunca vá conhecer. Às vezes, o lugar onde você está não é aqui, não é agora. Aonde seus pensamentos te levam não é caminho que eu preciso percorrer para estar ao teu lado.

Minha mãe costumava dizer que a cumplicidade está em entender que existem dias em que nem o outro se entende. E que, nesses momentos, a melhor coisa a se fazer é ficar ali, à espreita da porta, esperando que ela se abra por vontade própria. Foi assim que aprendi a estar contigo, Rita: esperando a tua permissão silenciosa para me espalhar no que transborda de ti.

Uma noite dessas, a gente estava largada no sofá, sem pressa para nada, e você passou os dedos pelo meu pulso. A tatuagem recém-feita ainda ardia sob o curativo abafado. Seu toque foi leve, distraído, e mesmo assim fez meu corpo inteiro reagir, naquele misto de dor e calor que só você sabe provocar. Então você murmurou, como se falasse com o desenho:

“Quo Vadis... O que isso quer dizer?”

“Para onde vais.”

Você sorriu daquele jeito rotineiro – meio torto, meio despreocupado – e eu me senti embriagada. Era um sorriso que trazia paz, mas também me provocava, como se você soubesse de algo que eu ainda não descobri. E eu sorri junto, porque era inevitável. Eu ria porque “Rita” começa com “ri”, e rir sempre foi o nosso jeito de fazer sentido no mundo.

“Engraçado...” você comentou, os olhos meio perdidos.

“O quê?”

“Isso tá na Bíblia, não tá?”

“Sim. Foi o que Pedro perguntou para Jesus, quando ele estava fugindo de Roma, prestes a ser crucificado.”

Você não disse nada depois disso, tímida intimidade. Eu sabia que algo aí dentro estava tentando entender por que eu, até então sem religião, gravaria essas palavras na pele. Mas você ficou quieta, nunca foi de exigir respostas. E o silêncio que se acomodava entre nós não era um silêncio pesado. Era leve, confortável, o tipo de silêncio que só existe entre quem se conhece nas marcas do caminho. Às vezes, eu acho que nunca precisei ouvir suas palavras. Bastava escutar teus passos tropeçados na escada ou o tilintar das tuas bijuterias pendendo do pescoço, sinais de que você habitava meu espaço. Isso me bastava.

Com o tempo, você foi se encaixando na minha rotina sem alarde. Jantares de domingo. Conversas com a minha avó. Até que, um dia, percebi que havia fotos tuas no rack da sala, entre os retratos antigos, como se sempre estivessem ali. Você se tornou parte dos meus dias sem precisar se anunciar. E isso, por si só, era amor: o tipo que não precisa ser proclamado, só vivido.

“Você vai se casar com alguém bom, filha.”

“É o que eu espero, vó.”

“Alguém com um coração tão bom quanto o da Rita.”

No jantar da empresa, me pediram para te apresentar. E você só me olhou, com aqueles olhos grandes de jabuticaba. Um olhar que dizia: “não explica, deixa assim.” E eu deixei. Porque a gente sabe que, no instante em que tentássemos explicar, tudo o que somos se perderia. Há coisas que não

cabem em palavras. Entre nós, existe apenas o que é, nu e inteiro, sem nome, sem forma, só a verdade crua do que permanece quando tudo o mais se dissolve.

Lembro da primeira vez que te vi. Não foi aquele clichê de amor à primeira vista, com o coração disparando e borboletas no estômago. Foi mais como um reconhecimento silencioso, uma certeza calma de que você já existia na minha vida antes mesmo de chegar. Você entrou, devagar, sem pressa, e ficou. E eu soube que não haveria volta. Que estava presa em você, mas sem querer me soltar. Porque estar presa em você nunca foi prisão. Foi casa.

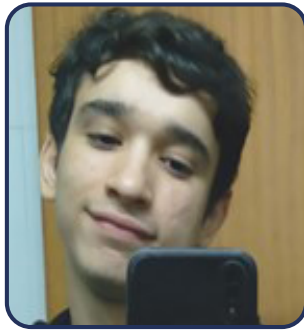
E agora, aqui estamos. Deitadas, nossos braços se tocando sem intenção, como se existisse um campo magnético nos unindo. Não sei onde você começa, ou onde eu termino, só sei que somos. Amigas, amantes, confidentes — ou algo além disso. Algo que escapa às palavras que o mundo tanto precisa. Há mais entre nós do que os outros podem entender. Está nos teus dedos entrelaçando os meus, nos teus beijos na minha testa, sempre com aquele resquício de hidratante que você nunca esquece de passar. Como se o universo todo coubesse nesse instante. Como se tudo o que importasse fosse só isso.

“Você acha que a gente é feliz?”

“Por que não seríamos?”

Eu ainda não sei para onde vamos, Rita. Nunca soube. Mas talvez isso não importe. Porque ir, contigo, sempre foi o bastante.

CAMOMILA



Matheus Araujo



Ilustração de Danillo Ibrahim

Eric se debruçava sobre o parapeito, assistindo o ir e vir da rua. Concentrado, como se assistisse a um filme. Cara limpa, cabelo lavado, o borbulhar da água anunciava o momento perfeito para preparar o chá. Espinheira-santa. Era o que restava no fundo do armário, redescoberto minutos atrás. Pensara em camomila, mas já havia acabado. As lâmpadas velhas pintavam as paredes com um amarelo azedo. Pedro, estirado no sofá, devorava em silêncio um dos livros da estante. Não havia fuga. O bule era sua arma, e as palavras, seu escudo.

– Quer chá?

Serviu desajeitado. Depois de vacilar um pouco, virou-se para o garoto num impulso de coragem.

– Lembra aquele dia na praia? Quando eu disse que nunca nadei porque tinha certeza de que ia afundar, e você disse que nunca teria certeza se afundaria se não mergulhasse?

Sentia o peito rasgar. Seria a espinheira que passava pela boca e atingia o coração? Precisava de camomila agora.

Pedro ergueu-se, intrigado. Nunca vira um amigo tão aflito. Aquela já não era mais uma noite de bebidas e conversas banais. Enquanto Eric falhava em tentar dizer qualquer coisa, sua mente divagava pelas memórias. Lembrava-se de seu eu mais jovem, de como corria rápido ao ser flagrado pintando o rosto com as coisas da irmã, e das vezes em que era atormentado pelos garotos por resmungar ao se sujar jogando futebol. Queria mergulhar. Se atirar na água. Mas o temor o paralisaria.

Pedro tentava dar amparo, inútil. Eric queria dizer que conversas banais já não bastavam — não eram o suficiente, que despedidas não faziam mais sentido, queria dizer que os olhos de Pedro já não eram os mesmos. Inerte. Que a noite era fria, a vida uma droga, seus fantasmas um inferno, e que os olhos dele o acalmavam mais do que camomila.

Mergulhou.

Sem qualquer receio lançou um beijo nos lábios rosados do garoto, queria fazer aquilo desde a primeira xícara de chá, o luar que banhava as janelas tornava tudo mais doce

– Fiz da minha vida um ensaio de fraqueza, mas hoje quero ser forte.

LAR



Alex Alves



A casa do outro lado da rua tinha uma fechadura que abria com a chave que eu trazia em mãos. O suor escorrendo em minha nuca, os dedos avermelhados e os lábios ressecados não me deixavam esquecer o que aquilo significava.

Precisava apenas atravessar a rua, mas a ficha se fazia difícil de cair. Nada, além das pernas trêmulas, me impedia de abrir a porta e entrar no terreno recém cuidado. Com um pequeno jardim e um espaço que levava aos fundos; um gramado com espaço suficiente para uma atividade ao ar livre, o interior ainda desmobiado. Até agora era possível sentir o cheiro da tinta.

Ideias de decoração iam e vinham, alguns móveis já estariam a caminho em pouco tempo. Faltava eu. Parado no outro lado da rua. A realidade estava mudando naquele momento. Apenas alguns passos e uma paz desconhecida até então compartilharia morada comigo. Meu abrigo, meu lar. Nada mais a temer. Apenas eu e minha própria companhia. E a paz. Certamente depois de uma devida ambientação, alguns gatos repartiriam espaço comigo, mas isso requeria planejamento.

Subitamente a porta principal já estava aberta, a leveza do interior vindo como uma brisa. Meu. Nada de gritos nem bater de portas. Meu refúgio não é lugar disso. É meu lugar. O lugar onde meu coração pode bater em compassos normais, onde meus cabelos vão parar de cair e meus lábios serão hidratados. Onde posso dormir sem receios ao acordar.

O lugar o qual eu realmente posso chamar de lar.

ORGANIZAÇÃO



Flávio Amorim da Rocha
Doutor em Letras
Professor EBTT IFMS
Campus Campo Grande



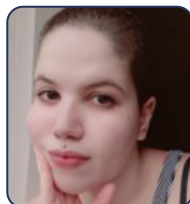
Andréia Dias de Souza
Doutora em Estudos Linguísticos
Professora EBTT IFMS
Campus Campo Grande



Jaqueline Alonso Braga de Oliveira
Mestra em Letras
Professora EBTT IFMS
Campus Campo Grande



Lia Nara Balta Quinta
Mestra em Biotecnologia
Professora EBTT IFMS
Campus Campo Grande



Júlia Cristina Valero Souza
Mestra em Estudos Literários



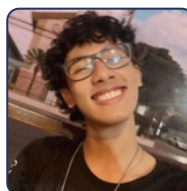
André Luiz Arguello Alves

Estudante do Ensino Médio Técnico Integrado
no IFMS
Campus Campo Grande



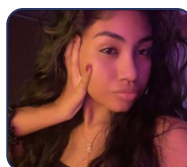
Anthony Franklin Prates Carvalho

Estudante do Ensino Médio Técnico Integrado
no IFMS
Campus Campo Grande



Danillo Henrique Ibrahim F. Tavares

Estudante do Ensino Médio Técnico Integrado
no IFMS
Campus Campo Grande



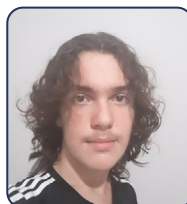
Karen Eduarda da Silva Oliveira

Estudante do Ensino Médio Técnico Integrado
no IFMS
Campus Campo Grande



Letícia Cristovão Lopes

Estudante do Ensino Médio Técnico Integrado
no IFMS
Campus Campo Grande



Pedro Henrique Assunção Ferreira

Estudante do Ensino Médio Técnico Integrado
no IFMS
Campus Campo Grande

ILUSTRADORES



Josué Inácio de Souza Silveira

Estudante do Ensino Médio Técnico Integrado
no IFMS

Campus Campo Grande



Danilo Henrique Ibrahim F. Tavares

Estudante do Ensino Médio Técnico Integrado
no IFMS

Campus Campo Grande



Ana Clara Rodrigues Alves Pereira

Estudante do Ensino Médio Técnico Integrado
no IFMS

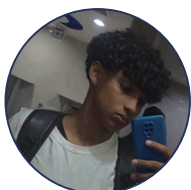
Campus Campo Grande



Ana Vitória Farias Vicente

Estudante do Ensino Médio Técnico Integrado
no IFMS

Campus Campo Grande



Lucas Eduardo Fernandes da Silva

Estudante do Ensino Médio Técnico Integrado
no IFMS

Campus Campo Grande



AGRADECIMENTOS

Nossos mais sinceros agradecimentos à Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul pelo suporte e por tornarem sonhos de jovens pesquisadores realidade.

Ao Instituto Federal de Mato Grosso do Sul pelo incentivo à pesquisa.

À incrível equipe de ilustração: Josué Inácio, Danillo, Ana Clara, Ana Vitória e Lucas.

Andréia Dias, Jaqueline Alonso, Júlia Valero, Bárbara Almeida, Clarissa de Sá, Laura Regine Silveira e Adriana de Melo Miranda, obrigado pelo apoio sempre!

A todos que participaram de alguma forma das etapas do Projeto Arco Literário!



**INSTITUTO
FEDERAL**
Mato Grosso do Sul

Apoio:



Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino,
Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul

ISBN 978-65-85640-10-7



9 786585 640107

Arco Literário

ESCREVA VOCÊ A SUA HISTÓRIA

Organização

Flávio Amorim da Rocha
Júlia Cristina Valero Souza
Andréia Dias de Souza
Jaqueline Alonso Braga de Oliveira
Lia Nara Balta Quinta
André Luiz Arguello Alves
Anthony Franklin Prates Carvalho
Karen Eduarda da Silva Oliveira
Danillo Henrique Ibrahim Fontoura Tavares
Letícia Cristovão Lopes
Pedro Henrique Assunção Ferreira

Apoio:

**Fundect**

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Mato Grosso do Sul
Conselho e Secretaria de Estado de Mato Grosso do Sul



INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso do Sul

editora **ECO**
Didática

ISBN 978-85-85640-10-7



9 788585 856407